

2009: 70 ANOS DA MORTE DE SIGMUND FREUD

AGOSTINHO, Márcio Roberto
Coordenador do Curso de Psicologia - FASU/ACEG – GARÇA/SP – BRASIL
e-mail: casteloagostinho@yahoo.com.br

PERES, Sílvio Lopes
Pedagogo, Mestre em Ciências da Religião e Acadêmico do Curso de Psicologia – FASU/ACEG
e-mail: silviosilvia@ig.com.br

SANTOS, José Wellington
Docente do Curso de Psicologia - – FASU/ACEG
zwell2@zipmail.com.br

RESUMO

Este artigo apresenta, através de uma investigação bibliográfica, as circunstâncias históricas, remotas e próximas, da morte de Sigmund Freud, que no mês de Setembro, próximo, completará 70 anos, as quais são apresentadas e podem atender ao interesse de psicólogos, psiquiatras, historiadores, pesquisadores acadêmicos e até de pacientes cuja abordagem utilizada é psicanalítica. Apresenta, ainda, um breve comentário de “Moisés e o Monoteísmo”, publicado na Inglaterra, no mesmo ano de sua morte e outras importantes circunstâncias de sua produtiva existência.

PALAVRAS-CHAVE: Freud, Morte de Freud

ABSTRACT

This article presents, through a bibliographical investigation, the historical circumstances, passed and close, of Sigmund Freud's death, which in the month of September, next, will complete 70 years, which are presented and may attend to the psychologists, psychiatrics, historians and academics interests and even patients whose utilized approach is psychoanalytical. Introduces, yet, a brief commentary of “Moses and the monotheism”, publicized in England, in the same year of his death and other importants circumstances of his productive existence.

KEYWORDS : Freud, Freud's death

1. INTRODUÇÃO

Dono de uma personalidade ímpar, Sigmund Freud (1856-1939), que segundo ESTEVAM (1995, p. 122), o médico fisiologista, somente “por razões de ordem econômica, levaram-no a matricular-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena”, contribuiu para a história do conhecimento científico da humanidade com a teoria do inconsciente e suas influências na vida de todos nós, apresentada através dos conceitos conhecidos como Psicanálise, que conforme Santos e Carvalho (2006) é fruto do comportamento autoanalítico e descobertas do próprio Freud. Autor de milhares de páginas, Freud não se deixou abater pelas circunstâncias adversas que enfrentou, seja na sua luta contra o câncer ou na sua resignada migração para Inglaterra; até os últimos dias de sua vida escreveu. GAY (2005, p. 587) registra que ao seu amigo,

pastor luterano, Oskar Pfister (1873-1956) escrevera, 40 anos antes: “Que morramos em nosso posto”.

Chamamos a atenção para o último trabalho, publicado no ano de sua morte – “Moisés e o Monoteísmo”, composto por três ensaios – “Moisés, um egípcio”; “Se Moisés fosse egípcio”; “Moisés, o seu povo e a religião monoteísta” – cujos dois primeiros foram publicados em 1937 e 1938, na Revista Imago. Desde 1914, o tema “Moisés” o interessava, quando da publicação de “O Moisés de Michelangelo”, no qual procura apresentar as várias “conexões”, como ele mesmo chama, das observações que vários autores escreveram à respeito da estátua esculpida por Michelangelo (1475-1564), que ornamenta o túmulo do Papa Júlio II (1443-1513), no Vaticano. Para Freud, Michelangelo representou, em sua obra artística, um traço da personalidade de Júlio II, pois fora contratado por este para empreender o trabalho, e concluiu:

“Este não é o Moisés da Bíblia, porque este realmente teve uma crise de ira, jogou longe as Tábuas e quebrou-as. Este Moisés deve ser um homem inteiramente diferente, um novo Moisés da concepção do artista, sendo assim, Michelangelo deve ter tido a presunção de emendar o texto sacro e falsificar o caráter daquele santo homem. Poderemos imaginá-lo capaz de uma audácia que, quase se poderia dizer, aproxima-se de um ato de blasfêmia? (1914)”¹

Freud adiou a publicação de “Moisés e o Monoteísmo”, antes de sua transferência para Londres, segundo o editor de suas obras para a língua inglesa, James Strachey (1887-1967) (1969) por temer a reação da hierarquia da Igreja Católica Austríaca, dominante no governo daquele Estado.

Conforme um dos autores:

“Moisés e o Monoteísmo constitui não apenas um prolongamento de Totem e Tabu, na medida em que Freud atribui ao assassinato de Moisés pelos hebreus um valor análogo ao assassinato do pai da horda primitiva, mas também de O Futuro de uma Ilusão, na medida em que vê nesse assassinato a origem longínqua da religião de Cristo, com sua dimensão sacrificial (QUINODOZ, 2007, p. 287)”.

Segundo este autor (2007, p. 294) a última obra de Freud só não causou maiores problemas entre os judeus e os cristãos, graças ao início da 2ª Guerra Mundial, em 1939, no mesmo ano de sua publicação na Inglaterra, e suas páginas revelam mais acerca do próprio Freud, do que sobre a religião judaica e a história de Moisés.

¹ Esta citação consta da Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago. Rio de Janeiro, s/d, em CD-ROM, portanto, não sendo possível a citação de páginas, somente o ano de sua publicação.

As relações que os estudiosos fazem da obra com Freud, são apontadas por Quinodoz (2007), como sendo as seguintes: 1. que o autor temia ser morto pelos nazistas ou por um de seus seguidores, à semelhança do que aconteceu com Moisés, segundo Freud; 2. que trata-se de uma série de hipóteses da psicanálise, contudo, longe de serem comprovadas cientificamente; 3. que graças às recentes pesquisas que atribuem origens mesopotâmicas à religião judaica, contestam às hipóteses de Freud, de que Moisés tenha estabelecido a religião egípcia ao povo judeu; 4. que para os judeus, Freud propõe um judaísmo sem Deus; 5. que suas afirmações referem-se às religiões idólatras, e não à cristã e judaica; 6. que segundo o filósofo Paul Ricoeur (1913-2005) (1965, p. 243, apud, QUINODOZ, 2007, p. 295) Freud propõe, através da psicanálise, que para ser religioso é necessário ser puro de toda forma de idolatria, e que não pertence à psicanálise, a escolha que se deve tomar em ter ou não alguma religião.

O presente artigo é fruto de uma investigação bibliográfica, consulta realizada no acervo dos autores, visando a sistematizar dados históricos sobre a vida, os escritos e de certa forma sua trajetória de vida, culminando com sua morte em 1939. Os materiais foram selecionados com base nos seguintes critérios: pertinência ao assunto; confiabilidade da fonte e adequação ao objetivo da pesquisa. O objetivo geral do trabalho é descrever ainda que brevemente, a vida de Freud enfatizando sua importância como pensador, pesquisador, escritor que mesmo 70 após sua morte, o legado que deixou continua a ecoar. A importância dessa pesquisa está ligada intimamente ao objetivo exposto acima, além de torna-se um instrumento inicial para quem deseja conhecer melhor a vida, a doença e a sua morte.

2. CONTEÚDO

Sigmund Freud faleceu com 83 anos de idade, às 03 horas da madrugada do dia 23 de Setembro de 1939, em Londres, vítima de câncer na língua e na mandíbula, doença descoberta desde 1923. Submeteu-se a 33 cirurgias, na tentativa de remover o carcinoma, além de vários tratamentos radioativos, consideradas por ele, segundo Arnold Zweig (1887-1968) (THEODOR, 1989, apud CLARET, 1994, p. 155), conforme comentário do próprio Freud como “acontecimentos que modificaram a nossa existência”.

Sua morte se deu em sua casa, localizada no bairro nobre de Hampstead, à Rua Maresfield Garden, nº 20, para onde havia se mudado em 03 de junho de 1938, devido à anexação da Áustria pelos nazistas. Esta casa fora transformada em museu em 1986, por determinação testamentária de sua filha Anna Freud (1895-1982), que segundo GAY (2005, p. 587) autorizara ao Dr. Schur “dar um fim” ao seu sofrimento.

Segundo THEODOR citado acima:

“Externamente guardava distância da doença e absoluta presença de espírito; não permitia que seu ritmo de trabalho fosse interrompido, e a amigos que procuravam consolá-lo repetia a frase de Bernard Shaw: “Não tente viver para sempre, pois não o conseguirá. (THEODOR, 1989, apud CLARET, 1994, p. 155)”

Saiu de Viena, onde morava desde 1860, quando aos quatro anos de idade, deixou Freiberg, hoje Příbor, na República Tcheca, onde nasceu à Rua Schlossergasse, nº 117, em 06 de Maio de 1856. Segundo Rizzuto (2001, p. 51), Freud retornou à sua cidade natal apenas uma vez, quando tinha 16 anos de idade. Em Viena, residiu durante 47 anos no mesmo endereço – Rua Bergasse, nº 19, de onde mudou-se para Londres. Nessa rua de 1902-1910 funcionou, na sala de espera de seu consultório médico, às quartas-féias, a Sociedade Psicanalítica de Viena, a qual foi fechada em 1938, pelos nazistas, quando incendiaram seus livros em praça pública. Quanto à Sociedade, destacam-se Alfred Adler (1870-1937) e Carl Gustav Jung (1875-1961) como presidentes nos primeiros períodos da sua existência, que por divergências de posições romperam com a psicanálise e estabeleceram suas próprias teorias psicológicas, daquele com ênfase na auto-estima e deste no inconsciente coletivo.

Graças à interferência, segundo GAY (2005, p. 537), entre outros, até de Benito Mussolini (1883-1945), que “servia como protetor da Áustria”, de Ernest Jones (1879-1958) e Marie Bonaparte (1882-1962), que custeou as despesas burocráticas e de viagem, com sua esposa Martha Bernays (1861-1951), e sua filha Anna, única a interessar-se pelas atividades do pai, é que foi possível sua transferência para a Inglaterra, do contrário, poderia ter o mesmo fim de suas quatro irmãs, que por não conseguirem autorização de retirada, morreram em campos de extermínio.

Até no mês de Agosto de 1939, segundo QUINODOZ (2007, p. 288) “apesar de seu declínio, ele continuou a receber pacientes”, e GAY (2005, p. 586) afirma que conservava hábitos comuns como dar corda em seus relógios, de bolso e de mesa, e

ler “como havia feito durante toda a vida. (...) seu último livro foi o conto misterioso de Balzac sobre a pele mágica que se encolhia, La Peau de Chagrin”. Morreu sob os cuidados de Max Schur (1897-1969), seu médico particular, que no dia 21 de Setembro aplicou-lhe uma injeção de três centigramas de morfina, para aliviar-lhe o sofrimento, conforme haviam combinado em consultas anteriores, muitos anos antes, e no dia seguinte Freud entrou em coma.

Até seu último momento de vida guardava um espírito bem humorado, pois segundo RIBEIRO (2008, p. 107) “estando ao lado do seu médico, Max Schur, escutaram o anúncio no rádio de que aquela seria a última guerra. Max Schur então lhe perguntou se ele acreditava nisto, ele lhe respondeu: “A minha última guerra”.

Conforme GOLDBERG (s/d):

“Em várias fases de sua vida, Freud pretendeu ter o conhecimento antecipado da data de sua morte, cercado-a de superstição e receios. Ligou-a à teoria dos números (de origem claramente ocultista) que acabou representando particular papel e significado no seu desenlace. (...) Em 1894, segundo seu biógrafo Jones (Ernest), prevê que sua morte se dará entre os 40 e os 50 anos de idade. Aos 51 anos, em correspondência a Ferenczi, muda a previsão, fixando-a em fevereiro de 1910! (GOLDBERG, s/d, apud, CLARET, 1994, p. 151)”

Freud foi cremado no dia 26 de Setembro de 1939. Segundo Taffarel, uma urna grega que recebera de presente de Marie Bonaparte guardam “as cinzas de Freud e Martha até hoje no cemitério de Golder’s Green, em Londres” (TAFFAREL, 1989, apud, CLARET, 1994, p. 127).

Conforme Theodor (1989, apud, CLARET, 1994, p. 157) no ano seguinte, 1940, sua obra reunida em 18 volumes é publicada em inglês por Stephan Zweig, que no mesmo ano, transfere-se para a cidade de Petrópolis, no Brasil.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode esperar em tão poucas linhas um estudo mais profundo quanto ao tema proposto, pois este teve como objetivo prestar uma singela homenagem a personalidade fundante do pensamento da psicologia, enquanto ciência, pela passagem do septuagésimo aniversário da sua morte.

Figura controvertida para a religião, devido aos escritos, todos sempre muito ácidos, talvez porque, como ele próprio afirmara: “Sempre fui criado sem religião, mas não sem respeito pelas exigências éticas da civilização humana” (FREUD, 1960, apud MIZZUTO, 2001, p. 77). Para a ciência, referência clássica ao pensamento pós-

moderno, em todas as áreas da filosofia, psicologia, física, pedagogia, história, arte, etc, devido às suas obras traduzidas do alemão para vários idiomas de todo o mundo, e, portanto, sendo considerado mentor de controversas posições por parte de algumas destas áreas.

Herói e gênio cultuado ou um endemoninhado a ser exorcizado? Nem um e nem outro. Trata-se de um homem, que em seus 83 anos de vida, não se recusou em contribuir para a compreensão do gênero humano, apesar de ter suficientes motivos para não fazê-lo, mesmo que tenha passado a ser conhecido do grande público, somente depois da sua morte.

Ardoroso defensor de que a capacidade racional venceria a fé religiosa, Freud se tornou paradigma do iluminismo científico, possibilitando que não é possível imaginar o mundo sem ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CLARET, M. (Org.). Freud por ele mesmo. São Paulo: Martin Claret, 1994.

ESTEVAM, C. Freud: Vida e Obra. 2ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

GAY, P. Freud: Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

QUINODOZ, Jean-Michel. Ler Freud: Guia de leitura da obra de S. Freud. São Paulo: Artmed, 2007.

RIZZUTO, Ana-Maria. Por que Freud rejeitou Deus? São Paulo: Loyola, 2001.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS E DA INTERNET:

SALOMÃO, E. Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago. Rio de Janeiro, s/d. 1 CD-ROM.

SANTOS, L. P. e CARVALHO, L. A. V. Uma Visão Historiográfica entre a vida de Freud e a Psicanálise, 2006. Arquivo Público do Rio de Janeiro – APERJ, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias/Luciana%20Pucci%20Santos%20e%20Luis%20Alfredo%20Vidal%20de%20Carvalho.pdf>>. Acesso em 14/04/09.

RIBEIRO, M. M. C. Do trágico ao drama, salve-se pelo humor!. *Estud. Psicanal.* Out. 2008, no.31, p.104-113. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100013&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0100-3437. Acesso em 21/04/09.